



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

PATRÍCIA MOREIRA DE OLIVEIRA

**DISCUTINDO EDUCAÇÃO FÍSICA E GÊNERO: PERCURSO HISTÓRICO DAS
RELAÇÕES DE GÊNERO NA SOCIEDADE E NAS PRÁTICAS CORPORAIS**

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2019

PATRÍCIA MOREIRA DE OLIVEIRA

DISCUTINDO EDUCAÇÃO FÍSICA E GÊNERO: PERCURSO HISTÓRICO DAS
RELAÇÕES DE GÊNERO NA SOCIEDADE E NAS PRÁTICAS CORPORAIS.

Monografia apresentada a Universidade Federal do Tocantins - Campus Universitário de Miracema para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física, sob orientação do Professor Me. Lucas Xavier de Brito.

Orientador: Mestre Lucas Xavier de Brito.

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

O48d Oliveira, Patrícia Moreira de .
Discutindo Educação Física e Gênero: percurso histórico das
relações de Gênero na sociedade e nas práticas corporais. . / Patrícia
Moreira de Oliveira. – Miracema, TO, 2019.
38 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Educação Física, 2019.
Orientador: Lucas Xavier de Brito

1. Gênero. 2. Educação . 3. Educação Física. 4. Mulheres. I.
Título

CDD 796

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que
citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

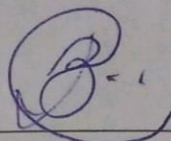
PATRÍCIA MOREIRA DE OLIVEIRA

DISCUTINDO EDUCAÇÃO FÍSICA E GÊNERO: PERCURSO HISTÓRICO DAS
RELAÇÕES DE GÊNERO NA SOCIEDADE E NAS PRÁTICAS CORPORAIS.

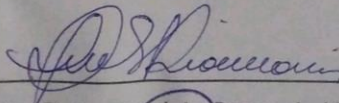
Monografia foi avaliada e apresentada à
UFT – Universidade Federal do Tocantins,
Campus Universitário de Miracema, Curso
de Educação Física para obtenção do título
de Licenciatura em Educação Física e
aprovada em sua forma final pelo
Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação 07/12//2019

Banca examinadora:



Prof. Me. Lucas Xavier de Brito Orientador, UFT



Prof.ª Dra. Taiza Daniela Seron de Kiouranis, UFT



Prof.ª Ma. Maria Lulza Raphael Del Rio Martins, UFT

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, soberano e onipotente, a todas as forças superiores positivas que conspiraram a meu favor e que de alguma forma sempre me deram forças para continuar e não desistir pelo caminho árduo;

À minha mãe, dona Eliete, aquela que cuidou de mim desde o seu ventre, a pessoa que mais acredita no meu potencial, a pessoa que me apoia incondicionalmente, obrigada por tudo, se até aqui cheguei, foi por ti;

À minha irmã, Priscila, te agradeço por todos os momentos bons e pelos ruins também, pois você esteve ao meu lado em todos eles, te agradeço pelas palavras de carinho e conforto, por nunca ter soltado minha mão;

Ao meu amado e saudoso avô Jesus Oliveira, o qual foi e é meu grande amigo, confidente e companheiro, hoje não está mais nesse plano, mas sei que cuidou de mim e sempre cuidará, obrigada vô Buja, por ter sido exemplo de amor e por ter me ensinado a ser a pessoa que sou hoje, infelizmente você não pode estar presente fisicamente nas minhas maiores conquistas, mas tenho certeza que onde você estiver, estás orgulhoso, pois sei o quanto você seria feliz em ver a materialização de muitas das suas ideias e personalidade forte em mim, te amo eternamente;

À minha companheira Helys, me faltam palavras para descrever o quão importante você foi nessa jornada, pois se não fosse você me instigar a escrever sobre o tema, talvez meu trabalho não fosse tão próximo da minha realidade, obrigada pelo carinho e incentivo;

À minha prima que demonstra todos os dias a importância de ser uma mulher independente e dona de si em uma sociedade machista como a que vivemos, Eliana, você é meu orgulho, resistimos;

À minha avó, dona Boema/Umbelina, que em suas orações e momentos fraternais me demonstrou a importância da família para mim, obrigada pelo apoio vizinha; com o agradecimento a matriarca, aproveito para agradecer a TODA minha família: tios (Dani, Delson e Edson), tias (Midi, Nira, Cris e Jane), primos e primas que acompanhei desde a infância e hoje me enchem de orgulho;

Ao meu pai, Everaldo, pelas palavras de apoio e de cumplicidade que me compartilhou nos momentos em que precisei, pois foram de grande importância. Aproveito para agradecer a toda minha família por parte de pai, meus tios e tias, primas, primos, irmãos e irmã, apesar da distância física eu sempre irei amá-los;

À minha família do coração: Tia Elieuda, Henaylyes, seu Rui e meu querido sobrinho Julior, vocês foram o presente que a faculdade não pode pagar, obrigada por todos os momentos de acolhimento, vocês fazem eu sentir que tenho uma família no Tocantins;

Aos meus amigos Yuri e Letycia, por terem sido exemplo de amor e companheirismo e por terem me deixado fazer parte do convívio de vocês e poder ver o nosso amável Augusto crescer dia após dia;

Às minhas amigas e comadres Naila e Vanessa, obrigada por todos os momentos de descontração e parceria e principalmente por me confiarem a benção de ser madrinha do nosso *baby boy*, agradeço a você também Gael Lorenzo pelo amor puro que me fazes sentir, assim como agradeço a todos os amigos que conheci no Tocantins;

À todos os meus amigos paraenses que sempre me deram apoio incondicional e por terem entendido todos os momentos que não pude estar presente fisicamente na caminhada de vocês: Kédma, Yuri, Cláudia, Arthur, Letícia, Heliony, John (Delon), Drielle, Gessica, Joelma, entre outros, sou grata a Deus pela amizade verdadeira que me proporcionam, e por saber que mesmo na ausência, quando nos encontramos o momento é único;

Ao meu orientador, amigo e conselheiro, estamos juntos desde a monitoria de História da Educação Física e do Grupo de Pesquisa, escrevendo e debatendo assuntos riquíssimos, obrigada por todos os momentos de compreensão (não foram poucos), mas principalmente por aceitar esse desafio juntamente comigo e por acreditar sempre que eu sou capaz;

A todas as professoras e professores do Curso de Educação Física da UFT de Miracema do Tocantins, por todos os conhecimentos compartilhados, pelas experiências e por todos os debates propostos;

Aos meus amigos da 2ª turma de Educação Física, por terem compartilhado comigo diversos conhecimentos, sobre todos os tipos de assunto, e por terem me ensinado a importância da cumplicidade, vocês são parte essencial de tudo isso, com vocês aprendi, além de toda teoria acadêmica, a ser um ser humano melhor;

E por fim, mas não menos importante, à todas as mulheres que lutaram e resistiram, para que hoje eu possa expressar minhas opiniões e inquietações, para que hoje eu possa ser uma mulher livre, independente e autônoma. Essa conquista é mais uma que podemos somar ao feminismo.

RESUMO

A pesquisa será apresentada como monografia, que servirá como trabalho final do Curso de Educação Física, da Universidade Federal do Tocantins, teve como “objeto de estudo” as relações de Gênero no ambiente escolar. Seu “objetivo geral” é Compreender como as relações de Gênero se estruturam nas aulas de Educação Física na escola. Os “objetivos específicos” que foram formulados são: 1) Conhecer e entender os conceitos de Gênero e Educação ao longo da história; 2) Discutir sobre as relações de gênero que foram estabelecidas ao longo da consolidação da instituição escolar; e 3) Entender e discutir como se dão as relações de Gênero nas aulas de Educação Física; já os “fundamentos metodológicos” são de cunho qualitativo, e do tipo bibliográfica. Seu aporte teórico foi fundamentado nos seguintes autores: BEAUVOIR (1980), SCOTT (1995), LOURO (1997), GOELLNER (2008), CRUZ E PALMEIRA (2009), entre outras. O trabalho visa perpassar por alguns campos ainda inexplorados no âmbito da Educação Física, porém, necessários. Deste modo, tratamos sobre as relações de Gênero e como as mesmas se constituíram ao longo da história da humanidade, aa relação deste com a educação e principalmente com a Educação Física.

Palavras-Chaves: Gênero; Educação; Educação Física.

ABSTRACT

The research will be presented as a monograph, which will serve as the final work of the Physical Education Course, Federal University of Tocantins, had as “object of study” the gender relations in the school environment. The “specific objectives” that have been formulated are: 1) Know and understand the concepts of Gender and Education throughout history; 2) Discuss the gender relations that were established during the consolidation of the school institution; and 3) Understand and discuss how gender relations occur in Physical Education classes; The “methodological foundations” are qualitative in nature and bibliographic. Its theoretical basis was based on the following authors: BEAUVOIR (1980), SCOTT (1995), LOURO (1997), GOELLNER (2008), CRUZ E PALMEIRA (2009), among others. The work aims to go through some fields still unexplored in Physical Education, but necessary. Thus, we deal with the relations of Gender and how they were constituted throughout the history of humanity, its relationship with education and especially with Physical Education.

Keywords: Gender; Education; Physical Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CARTOGRAFIA DA PESQUISA	15
3 GÊNERO: ENTENDENDO OS DESDOBRAMENTOS DE UM MOVIMENTO ATÉ A ESTRUTURAÇÃO DE UM CONCEITO.	17
4 O ENTRELAÇAR DO CONCEITO DE GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR	22
5 GÊNERO, EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: APONTAMENTOS E INQUIETAÇÕES	28
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

Memorial Descritivo

Me chamo Patrícia, mas prefiro que me chamem de Pat, tenho 26 anos e segundo o *Google Maps* estou a exatos 984km de casa, mas a saudade é algo inexplicável, quando você está a 1 ou a 1000km de distância, o sentimento é o mesmo, apenas pelo fato de não poder estar junto.

Eu nasci em Concórdia do Pará, uma cidadezinha pacata, cercada por igarapés e mata verde, tenho ótimas lembranças da minha infância, eu costumava brincar na rua, subir nas árvores sem fundos de quintais com meus amigos. Andava de shortão largo pela rua toda, conhecia todos os vizinhos, tinha uma bike azul e quando ia a fazenda do meu falecido avô eu andava preferencialmente a cavalo.

Na grande parte do tempo eu brincava com meus dois vizinhos, dois rapazes que cresceram ao meu lado, apesar de não ser a preferência da minha mãe ou de quem olhasse aquele convívio de uma menina com dois meninos.

Eu comecei frequentar a escola muito cedo, pois minha mãe é professora e já me levava para a creche com dois anos de idade. Aos cinco anos, ainda na Educação Infantil eu já lia minhas primeiras palavras com a professora Lidnéia, em seguida, lembro-me que mudei de escola e ingressei no Ensino Fundamental, com a professora Tia Dedé (tia aqui, é familiar mesmo), foi então que eu conheci minha melhor amiga de infância, Letícia é uma baixinha boa de bola, foi logo me instigando a jogar e me ensinando a gostar ainda mais de futebol.

Na quarta série mudei de escola novamente, pois, minha mãe mais uma vez estava ali pensando no meu futuro e investindo em mim, Letícia também acompanhou a mudança de escola. Quando entramos ali, éramos apenas nove alunos na sala da Professora Alília, uma das fases que eu mais recordo da infância, foi nesse ano que conheci meu melhor amigo de infância, Arthur, nós passamos a ser os três mosqueteiros.

Paralelamente a essas fases escolares iniciais, em casa eu comecei a cuidar de casa e da minha irmã, desde os dez anos de idade eu aprendi a cozinhar feijão, pois minha mãe precisava da minha ajuda, já que a mesma passava a maior parte do tempo na escola para não nos deixar faltar nada. Posso dizer com

propriedade que sou a segunda mãe da minha irmã. E apesar de toda essa responsabilidade, sempre fui muito brincalhona e traquina.

Meu quintal tem aproximadamente 100m, hoje em dia não é mais tão repleto de árvores como antigamente, mas eu vivia subindo nelas e pulando muros dos quintais vizinhos para brincar, eu sempre fui muito comunicativa, vivia nas casas alheias conversando e opinando, minha mãe odiava, para ela eu deveria estar dentro de casa o tempo todo, digamos que minha mãe é um tanto “*super protetora*”.

Minhas brincadeiras eram diversas, mas consideradas “brincadeiras de meninos”, o que eu gostava de fazer era empinar pipa, jogar bola na rua, taco, todos os tipos de pique, construção de armas e carros de corrida. E eu sempre construí todos os meus brinquedos, pois minha mãe não apoiava meus gostos tão “peculiares”.

Fora as responsabilidades de cuidar de casa, ajudar dever de casa da minha irmã, cozinhar, ir ao supermercado, pagar contas para minha mãe, foi então que eu aprendi tabuada de verdade... eu ainda ganhava meu dinheiro fazendo pipa para as crianças da vizinhança.

Minha adolescência foi repleta de incertezas, de inseguranças, de não identificação enquanto mulher, enquanto religião, sempre me senti muito deslocada em relação aos lugares que frequentava. Na igreja eu usava saíões que iam do umbigo até o joelho, ou mais em baixo. Nas escolas que estudei, a que tinha o cabelo mais “ruim” era eu.

Apesar de frequentar os mesmos espaços que as pessoas com maiores aquisições monetárias da minha cidade, eu sabia a dificuldade que passávamos dentro de casa, minha mãe nunca nos deixou faltar, não passei um dia se quer de fome, mas eu lembro com muita dor no coração e orgulho ao mesmo tempo, de um dia que minha mãe acordou a noite e colocou minha irmã e eu de baixo de um guarda-chuva (dentro de casa) para que a tempestade não nos molhasse, por conta do telhado em péssimo estado da casa que pôde nos dar após sua separação.

Nas aulas de Educação Física, minha vida ficou marcada pela evidente separação de homens e mulheres para as atividades práticas, pela exclusão da maior parte das meninas nas práticas corporais, até o momento em que minha amiga Letícia e eu pedimos para jogar com os meninos, pois era o que nos restava, pois gostávamos de jogar e por parte do professor, as meninas ficariam sentadas olhando.

Ao ingressar no ensino médio, minha mãe me oportunizou a experiência de poder morar em uma capital para estudar, conseguiu uma bolsa de descontos em um

colégio particular, relativamente bom, mas era o melhor que conseguíamos pagar, então mudei para Belém e passei a morar primeiramente com meu pai, experiência que não durou muito tempo.

O fato de poder ter vivido em Belém, me transformou, conseguia me ver muito mais enquanto pessoa, eu enfim era livre de todos os olhares julgadores da cidade pequena, conheci novos lugares e novas pessoas, assim como, tive acesso a uma educação privilegiada no Colégio Impacto, ali a Educação Física era optativa, pois visava-se a aprovação no vestibular e não “jogar bola”.

As minhas escolhas sempre foram tensionadas pela minha mãe, a mesma, apesar de esperar que eu tivesse um futuro melhor e me apoiar em tudo que sempre quis fazer, foi marcada pelas suas próprias experiências e não conseguia imaginar eu alçando voos tão longe dela. Tudo na minha vida direcionou meu caminho à docência, cursei alguns períodos no curso de Pedagogia, experiência que me fez crescer.

Desde a creche, até o meu ensino fundamental, minhas professoras foram todas mulheres, ao ingressar no curso de Pedagogia, minha turma de 40 alunos, apenas três eram homens, e apesar de não perceber antes, hoje faço uma análise crítica da situação: docência ainda é vista como algo feminino.

Passei anos infelizes, em um curso que não me representava, indo semestre após semestre arrastada, mas era o sonho da minha mãe, e passei anos tentando agradá-la. Um certo dia, resolvi desistir daquilo e ir em busca do meu sonho, fiz o Enem e passei para o curso de Educação Física na Universidade Federal do Tocantins, não imaginava nem onde que ficava esse lugar (Miracema).

Quando ingressei na UFT, rapidamente minha mãe tratou de me apoiar e providenciar tudo que fosse preciso para que eu pudesse seguir em frente nessa nova jornada a muitos quilômetros de distância, afinal eu havia passado em 1º lugar e esse fato conseguia me dar suporte para demonstrar que era realmente o que eu queria.

Imediatamente, tratei de mudar para o Tocantins, conheci muita gente especial e comecei a me identificar em uma realidade que não era a minha, universidade, militância, ocupações, cenários políticos distintos do que eu conhecia até então (lá em Concórdia é PT x PSDB, o que foge disso não existe), golpe, PECs, foi então que me vi instigada a sair da zona de conforto em que minha vida se encontrava, tratei de assumir meu cabelo afro, que pode não ser grande coisa para muita gente, mas me deu forças para enfrentar muita coisa até aqui.

Tomei gosto pelo movimento estudantil, onde eu morava nunca havia ouvido falar “disso”, comecei a me identificar com os negros e negras que passeavam com seus *blacks* pelos corredores de nossa universidade (a primeira a implementar o sistema de cota racial no país).

Eu sempre me perguntei como seria a minha trajetória na vida acadêmica naquele lugar desafiador. Antes eu já havia estudado na Universidade Federal do Pará, por longos três anos, provavelmente durante esses anos eu apenas frequentava a faculdade por obrigação, não existia um melhor dia para as aulas, lia textos inacabáveis e desinteressantes para mim, qualquer assunto se tornava tão monótono que eu nunca imaginei que pudesse ir para faculdade com gosto.

Realmente era apenas por obrigação e esta é a grande diferença que eu encontrei entre “existir” e “viver”. Naqueles anos eu apenas existi, durante esse período, fiz o trancamento do curso por duas vezes, passei por duas greves, sinceramente eu agradei quando isso aconteceu. Eu era só mais uma dentre tantos outros e outras.

Mas eu sei que nada na vida é por acaso, penso que eu tive que passar por aquilo para poder dar valor ao que eu vivo hoje, pois hoje sim posso dizer que eu vivo. Em uma cidade que é totalmente diferente da minha, em quesito geográfico ou até mesmo populacional, a população aqui é diferente, eu encontro algumas singularidades, por se tratar de uma cidade pequena, mas posso dizer que tive muita sorte.

Sorte por poder fazer parte da melhor turma todos os tempos, antes que me questionem, “melhor” não quer dizer que a gente vai encontrar o próximo Albert Einstein nessa turma, não quer dizer que a gente vai conviver com próximo bilionário. Para mim, o que realmente quer dizer é que, fui afortunada pelas pessoas que fizeram parte do meu dia a dia nessa trajetória, que me fizeram agradecer a Deus por estar no lugar certo, no momento certo, na hora certa.

Após um período de convivência eu pensava *“gratidão ao meu camarada, que poderia ter conhecido em uma festa de aparelhagem lá mesmo no meu Pará, a minha mana dos olhos azuis que é capaz de conseguir qualquer coisa apenas com um olhar, a minha mana preta que me ensinou resistir a inúmeras situações, aos três mosqueteiros, ao carioca malandro, aos manas que vivem se alfinetando (mas no final são puro amor), as meninas super poderosas do lado esquerdo da sala, aquelas que sentam do lado direito também, aos companheiros de Miranorte e por último, mas não*

menos importante, ao primeiro bailarino do Bolshoi, esse é cara que passa o dia e a noite quebrando o gelo e nos fazendo rir até mesmo das situações mais complicadas”.

Foi graças a eles que hoje não mais, apenas existo, não sou apenas mais uma, eu vivi a universidade, e pude fazer amigos e companheiros de luta. Essa turma, me fez entender o porquê de nunca ter dado certo antes.

Pude conhecer o movimento LGBTQ+ e por meio do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Sexualidade, Corporalidades e Direitos que a UFT Campus de Miracema, tive o prazer de começar a frequentar para entender meu eu e a minha existência enquanto mulher lésbica, que até então era somente teórico-vivencial. Foi uma experiência incrível poder frequentar um ambiente onde, a cada fala parava e repensava tudo que estava escondido dentro de mim “nossa, alguém pensa como eu penso, não estou louca”.

O interesse em discutir o tema de pesquisa surgiu após essa aproximação e amadurecimento de ideias, após esse acesso a informações privilegiadas sobre a temática, discussões calorosas que muitas vezes não chegaram à educação básica, uma vez que, podemos perceber na minha jornada. A percepção de gênero passou a fazer parte do meu dia a dia e das minhas discussões, apenas enquanto profissional em formação.

Pude então ter uma percepção, de que havia sofrido com essa separação nas aulas de Educação Física durante minha trajetória na educação básica e principalmente pude perceber o porquê de tantos questionamentos levantados anteriormente, principalmente para justificativas que na minha cabeça não faziam sentido algum, como “você não pode fazer isso ou aquilo porque é coisa de menino”.

Porque estudar gênero, mesmo com tantos teóricos salientando que é um conceito batido e superado, principalmente, na realidade do Brasil, que as mulheres já estão presentes em muitos lugares juntamente com os homens, a mulher tem direito ao voto, tem direito em exercer papéis político e outros tantos direitos que foram conquistados.

Mas porque falarmos sobre gênero? Apesar de não parecer, de termos ciência de que as leis no Brasil evoluíram, os dados são claros, as mulheres passam muito mais anos na vida escolar do que os homens e apesar dessa superioridade, a igualdade salarial não acontece, ou seja, mesmo que a mulher seja mais da metade das pessoas que chegam a concluir o ensino médio, mesmo que no ensino superior

a diferença seja ainda maior, o salário do homem ainda consegue ser entre 40% e 60% maior do que o delas (PISCITELLI, 2009, p. 3-4).

Discutir gênero no Brasil tem sido um desafio constante, nas diversas áreas do conhecimento, esse estudo se justifica especificamente no âmbito da Educação Física, pois é uma área carente de pesquisas (em 2011, DEVIDE et al. Realizaram um levantamento, e constataram que, até então, existiam 17 grupos de pesquisas que discutiam gênero e Educação Física no Brasil) e discussões sobre essa intersecção conteudista.

É de fato muito importante que seja discutido gênero e Educação Física, no sentido de que é a partir desta grande área que se tem conhecimento de corpo e das relações consigo e com o outro, Segundo Louro (1997) é a partir destas aulas que as relações corporais acontecem.

Esse trabalho é importante para a instituição, de modo que possa contribuir para os futuros/as acadêmicos/as ingressantes e concluintes, no sentido de que possa vir a ser útil para nortear esta discussão, a fim de que os/as mesmos/as possam perceber que este é um tema pertinente para a área de atuação.

É importante pensarmos quais os profissionais que adentrarão ao mercado de trabalho futuramente no ramo da Educação Física, pois, essa disciplina já evoluiu grandemente em relação ao primeiro modelo que nos foi compartilhado, porém, se não capacitarmos estes profissionais para questões como estas, estaremos por repetir a história e mais uma vez voltaremos a privar as mulheres das práticas corporais que as mesmas têm direito.

Nesse sentido, esse trabalho contribui significativamente para o meu crescimento acadêmico e pessoal, é um trabalho que tem estrema relação com a minha futura prática profissional, com minha trajetória de vida e a quem possa interessar consultar e utilizar do mesmo para tais fins.

2 CARTOGRAFIA DA PESQUISA

As relações de Gênero estão imbricadas à sociedade cotidianamente. O poder que um dos Gêneros exerce sobre o outro, deveria ser inaceitável, mas a fundamentação de alguns papéis sociais estão embasadas em princípios puramente biológicos, fazendo com que as atribuições sociais da mulher e do homem sejam distintas e justificadas pelo destino biológico de cada um.

Deste modo, nesta pesquisa a ideia de instigar as discussões de Gênero, Educação e na Educação Física, visa contestar qualquer hipótese de pré-disposição ao papel da mulher, seja em âmbito familiar, educacional, social, entre outros. Para isso percebemos que nessa perspectiva o nosso **OBJETO** é: *as relações de Gênero no ambiente escolar*.

Para delinear tais discussões, foi formulada a seguinte pergunta para **PROBLEMA DE PESQUISA**: *como foram e são constituídas as relações de Gênero nas aulas de Educação Física?* Sendo assim, buscamos entender como foram constituídas as relações de homens e mulheres na sociedade e levando este debate para o ambiente escolar. Após delimitarmos o problema, almejamos compreender esta constituição a partir dos seguinte **OBJETIVO GERAL**: *Compreender como as relações de Gênero se estruturaram se estruturam nas aulas de Educação Física na escola*.

A partir de então foram elaborados os seguintes **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**:

Conhecer e entender os conceitos de Gênero e Educação ao longo da história;

Discutir sobre as relações de gênero que foram estabelecidas ao longo da consolidação da instituição escolar;

Entender e discutir como se dão as relações de Gênero nas aulas de Educação Física;

Para que o trabalho então pudesse ser estruturado nos padrões científicos, optou-se pela seguinte **METODOLOGIA**: Este estudo é uma pesquisa de natureza qualitativa, pois esta não visa traduzir em números as relações de mundo e sujeito, mas sim, interpretação dos fenômenos e atribuição de significados a estes, sem nenhum tipo de manipulação intencional do pesquisador (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.51).

Caracteriza-se também como bibliográfica, pois foi elaborada a partir de uma revisão em materiais já elaborados como livros e artigos publicados, esta foi desenvolvida exclusivamente a partir destas fontes, visando esclarecer conceitos e concepções formadas sobre determinado tema, e devido a uma escassez de publicações que façam alusão aos conceitos utilizados nesse trabalho, entrelaçando-os, se fez necessário utilizar tal tipo de pesquisa.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...] há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas (GIL, 2002, p. 44).

Deste modo, estamos utilizando as maiores referências em se tratando da temática escolhida, no intuito de fazer uma conversa entre os autores e autores como Simone de Beauvoir, Joan Scott, Guacira Lopes Louro, Silvana Gollner, entre outros, as quais tratam as questões de Gênero, Educação e Educação Física em relação com os dois primeiros conceitos, consecutivamente.

3 GÊNERO: ENTENDENDO OS DESDOBRAMENTOS DE UM MOVIMENTO ATÉ A ESTRUTURAÇÃO DE UM CONCEITO

Este capítulo faz alusão às diversas perspectivas e entendimentos sobre o conceito de Gênero, como o mesmo se constituiu e difundiu em sociedade. Apresenta alguns apontamentos sobre as relações que foram estabelecidas entre homens e mulheres na sociedade, e visa também esclarecer o que é ser mulher, feminista.

As relações sociais que se estabeleceram de forma hierárquica e patriarcal, vieram associando a mulher a um papel secundário em relação ao homem. Essa condição foi historicamente construída e sustentada por uma sociedade machista, “apoiado no poder das ciências, religiões, e principalmente das instituições educacionais”, têm distribuído capacidades e habilidades, sejam elas físicas ou intelectuais, a partir das concepções de sexo masculino e feminino (DEVIDE et al., 2011).

Em oposição à ciência, à religião e às instituições educacionais, algumas correntes das ciências sociais não acreditam que o comportamento do homem ou da mulher deve ser determinado por tais ciências, ao contrário, acreditam que é uma construção social e cultural, criando assim o conceito de gênero, visando fugir do determinismo biológico comportamental.

Deste modo, podemos perceber indícios do porquê este conceito foi criado: para diferenciar as dimensões biológicas das constituídas socialmente. Pois, há na espécie humana de acordo com princípios e conceitos biológicos, machos e fêmeas, porém, as formas que estes se comportam em sociedade é que constituem o que é ser homem e mulher. Ou seja, essa constituição está mais relacionada com a realidade social em que estão inseridos do que com a determinação dos seus corpos anatômicos.

Quando falamos da historicidade dos estudos relacionados ao Gênero, é impossível não fazer uma interlocução com o processo de mobilização dos movimentos de mulheres que visavam fugir da lógica machista enraizada na sociedade, tentando minimizar as desigualdades encontradas, seja em âmbito privado ou público (LACERDA, 2015).

A principal representante desse movimento feminista e propagadora da ideia de que o corpo biológico nada influenciava no processo de tornar-se mulher, foi a filósofa Simone de Beauvoir (1908-1986), que em 1980 escreveu o livro “O Segundo

Sexo”. Nesta obra, a autora sustenta a anulação de qualquer hipótese de origem natural para as condutas adotadas pelas mulheres em sociedade.

Da obra da referida autora emana uma das frases mais populares entre o movimento feminista: “NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1980, p.9). Quando a famosa feminista Simone de Beauvoir escreveu o livro em que afirma que não nascemos mulheres, mas nos tornamos mulher, a mesma contesta a hipótese de qualquer destino para ser mulher, seja ele “biológico, psíquico ou econômico”.

NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro (BEAUVOIR, 1980, p.9)

Em concordância com “O Segundo Sexo”, Goellner (2008) afirma que na história da humanidade e da sociedade organizada, a mulher e o corpo feminino foram por diversas vezes estigmatizados e por muito tempo foram compreendidos e percebidos no mundo como um simples aparelho reprodutor exercendo um papel hierarquicamente inferior e secundário em relação ao homem, de maneira que sua função principal era procriar.

Percebemos que quando paramos para ler esta afirmação de Goellner (2008), que é bem mais atual, e ainda fala sobre o corpo da mulher ser percebido e compreendido deste modo ou de outro na sociedade, de tal forma que podemos compreender o que Beauvoir (1980) disse há décadas atrás, chegamos então à conclusão de que o pensamento destas mulheres está alinhado em relação à percepção do que é ser mulher.

A contestação da hipótese baseada em princípios biológicos se dá pelo pensamento de que a subordinação da mulher é universal, pois ela acontece em todos os espaços de tempo da história e em todos os lugares, deste modo, é impossível falar de mulher e não perceber o conceito de patriarcado¹ que foi estabelecido durante a história da humanidade.

Por que, então, não usar a expressão dominação masculina, como o tem feito Bourdieu, ou falocracia ou, ainda, androcentrismo, falo-logo-centrismo? Provavelmente, por numerosas razões, entre as quais cabe mencionar: este

¹ Patriarcado: sistema social no qual a diferença sexual serve como base da opressão e da subordinação da mulher pelo homem. (PISCITELLI, 2009, p. 9)

conceito reformulado de patriarcado exprime, de uma só vez, o que é expresso nos termos logo acima sugeridos, além de trazer estampada de forma muito clara a força da instituição, ou seja, de uma máquina bem azeitada, que opera sem cessar e, abrindo mão de muito rigor, quase automaticamente (SAFFIOTI, 2004, p. 100).

A naturalização de algo que não pode ser mudado, por fatores biológicos por exemplo, é algo “aceitável”, mas acatar a maneira como as mulheres foram e são percebidas na sociedade, sem ao menos questionar, é algo intolerável, já que essa percepção pode e deve ser mudada (PISCITELLI, 2009, p.9).

Por esse motivo, o pensamento feminista da segunda onda colocou reivindicações voltadas para a igualdade no exercício dos direitos, questionando, ao mesmo tempo, as raízes culturais dessas desigualdades. As feministas trabalharam em várias frentes: criaram um sujeito político coletivo, as mulheres, e tentaram viabilizar estratégias para acabar com a subordinação. Ao mesmo tempo, procuraram ferramentas teóricas para explicar as causas originais dessa subordinação e trabalharam, recorrentemente, com uma série de categorias e conceitos fundamentais, sobretudo os de mulher, opressão e patriarcado. (PISCITELLI, 2009, p.9)

O movimento das mulheres foi fundamental para esclarecer que o feminismo não era apenas uma onda de esquerda, e que as mulheres oprimidas pelo patriarcado não eram apenas as pobres e negras (como foi proferido muitas vezes ao longo da história), essa onda de mulheres atingiu até mesmo a classe dominante (rica e branca) da sociedade. Pois, segundo Piscitelli (2009, p.10) este movimento é ancorado na seguinte ideia “o que une as mulheres ultrapassa em muito as diferenças entre elas”.

Deste modo, devemos ressaltar que a luta deste movimento, conhecido como feminismo, não faz distinção de cor, raça, etnia, classe social, padrões estabelecidos, sexualidade. Enfim, este movimento luta por direitos iguais para toda e qualquer mulher, assim como pelo reconhecimento destas. Foi então que surgiu a necessidade de criar um conceito mais amplo e que segundo Scott (2010), não fosse tão “irreverente” quanto alguns movimentos feministas da época.

Gênero é aqui entendido como a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres, ou, como conceitua Scott (1995, p. 89), é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que “fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana”. Na visão da autora, o gênero, ao enfatizar o caráter fundamentalmente social das divisões baseadas no sexo, possibilita perceber as representações e apresentações das diferenças sexuais. Destaca, ainda, que imbricadas às diferenças biológicas existentes

entre homens e mulheres estão outras, social e culturalmente, construídas (SOUSA; ALTMANN, 1999, p. 54-55).

No decorrer do tempo, apesar de as mulheres e os homens estarem presentes nas mesmas instituições, frequentando os mesmos lugares, as problematizações pertinentes a esta temática não aconteceram, pois como já foram supracitadas, as diferenças biológicas era argumento base para qualquer justificativa de manter a organização naquele modelo. Além disso, que social e culturalmente era mais bem visto e aceito.

Gênero também diz respeito a uma categoria histórica, cuja investigação tem demandado muito investimento intelectual. Enquanto categoria histórica, o gênero pode ser concebido em várias instâncias: como aparelho semiótico (LAURETIS, 1987); como símbolos culturais evocadores de representações, conceitos normativos como grade de interpretação de significados, organizações e instituições sociais, identidade subjetiva (SCOTT, 1988); como divisões e atribuições assimétricas de características e potencialidades (FLAX, 1987); como, numa certa instância, uma gramática sexual, regulando não apenas relações homem–mulher, mas também relações homem–homem e relações mulher–mulher (SAFFIOTI, 1992, 1997b; SAFFIOTI e ALMEIDA, 1995) etc. Cada feminista enfatiza determinado aspecto do gênero, havendo um campo, ainda que limitado, de consenso: o gênero é a construção social do masculino e do feminino (SAFIOTTI, 2004, p.45)

O consenso entre as feministas de que Gênero é uma construção social é o que sustenta a anulação de princípios biológicos que justifiquem qualquer forma de opressão, segregação ou dominação masculina. Há um consenso também de que o patriarcado está se reconstruindo, assim como as relações sociais. Mas, é importante ressaltar que mesmo que veladamente ele ainda existe, inclusive, Safiotti (2004) em seu livro “Gênero, Patriarcado e violência” alerta para a importância de manter-se o nome “patriarcado”:

1 – não se trata de uma relação privada, mas civil; 2 – dá direitos sexuais aos homens sobre as mulheres, praticamente sem restrição. Haja vista o débito conjugal explícito nos códigos civis inspirados no Código Napoleônico e a ausência sistemática do tipo penal *estupro no interior do casamento* nos códigos penais. Há apenas uma década, e depois de muita luta, as francesas conseguiram capitular este crime no Código Penal, não se tendo conhecimento de se, efetivamente, há denúncias contra maridos que violentam suas esposas. No Brasil, felizmente, não há especificação do esturador. Neste caso, pode ser qualquer homem, até mesmo o marido, pois o que importa é contrariar a vontade da mulher, mediante o uso de violência ou grave ameaça; 3 – configura um tipo hierárquico de relação, que invade todos os espaços da sociedade; 4 – tem uma base material; 5 – corporifica-se; 6 – representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência (SAFIOTTI, 2004, p. 57-58)

Deste modo é importante entendermos o porquê se manter o termo, ainda que muitas vezes considerado ultrapassado. O feminismo alcançou por meio de lutas e embates onde o patriarcado deixasse de existir pelo menos juridicamente, a título de exemplo, por séculos foi legalmente aceito justificar crimes contra a mulher pelo simples fato de o homem estar defendendo sua honra “a culpa foi dela que não me respeitou”.

Por diversas vezes, quando falamos de Gênero, somos questionadas, sobre o porquê não falar de homens também, sendo que o conceito é aplicado à construção social do que é ser mulher, mas também ao que é ser homem, Scott (2010), sintetizou, o porquê de a categoria Gênero tratar muito mais de mulheres:

No seu uso recente mais simples, “gênero” é sinônimo de “mulheres”. Livros e artigos de todo o tipo, que tinham como tema a história das mulheres substituíram durante os últimos anos nos seus títulos o termo de “mulheres” pelo termo de “gênero”. Em alguns casos, este uso, ainda que referindo-se vagamente a certos conceitos analíticos, trata realmente da aceitabilidade política desse campo de pesquisa. Nessas circunstâncias, o uso do termo “gênero” visa indicar a erudição e a seriedade de um trabalho porque “gênero” tem uma conotação mais objetiva e neutra do que “mulheres”. O gênero parece integrar-se na terminologia científica das ciências sociais e, por consequência, dissociar-se da política – (pretensamente escandalosa) – do feminismo. Neste uso, o termo gênero não implica necessariamente na tomada de posição sobre a desigualdade ou o poder, nem mesmo designa a parte lesada (e até agora invisível). Enquanto o termo “história das mulheres” revela a sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais), que as mulheres são sujeitos históricos legítimos, o “gênero” inclui as mulheres sem as nomear, e parece assim não se constituir em uma ameaça crítica. Este uso do “gênero” é um aspecto que a gente poderia chamar de procura de uma legitimidade acadêmica pelos estudos feministas nos anos 1980 (SCOTT, 2010, p. 6).

No Brasil, o conceito de Gênero começou a difundir-se a partir da década de 1990, quando o texto *“Gênero: uma categoria útil de análise histórica”* de Joan Scott, foi traduzido e disseminado rapidamente em território nacional. O movimento feminista adotou o termo e, assim como no restante do mundo, passou a utilizá-lo nos estudos referentes às questões das mulheres e do próprio movimento.

Após compreendermos a estruturação do conceito de gênero, fazendo apontamentos em momentos históricos e inquietações na estruturação da sociedade, percebemos o quanto essas relações podem e afetam em outros ambientes, como a estrutura escolar e a organização como as relações se dão na mesma. Por isso, no próximo capítulo trataremos especificamente destes fatores.

4 O ENTRELAÇAR DO CONCEITO DE GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR

Este capítulo irá tratar sucintamente das relações de gênero ao longo da história, mas desta vez abordando um contexto específico, como essas relações influenciaram na constituição de sujeitos educacionais e nos papéis que a escola assumiu na sociedade, assim como o reflexo desta na constituição dos sujeitos, de modo que influenciasse no que conhecemos hoje como Educação.

Por diversas vezes, ao longo da história, foi classificado o papel da mulher na educação por meio de um entendimento de que a mesma deveria replicar a função que ocupava na sociedade até então de “mãe, esposa”, recatada, do lar, frágil, dócil, delicada, cuidadora, ou seja, estereótipos pré-formulados por uma sociedade machista (CRUZ; PALMEIRA, 2009).

Deste modo, se pararmos para analisar tal perspectiva, conseguimos perceber que este discurso do século passado ainda se mantém. Pois no contexto atual, ainda existem profissões apresentadas como masculinas, que exigem geralmente mais força, agilidade e agressividade (como exemplo da engenharia agrônômica) e outras vistas como femininas, que exigem por sua vez sensibilidade, delicadeza, destreza... (como a profissão de comissária de bordo, inclusive, anteriormente era chamada de “aeromoça”), isso acontece também nos esportes (a exemplo: hughby, balé, lutas, ginastas).

na aparência das diferenças biológicas entre os sexos ocultaram-se relações de poder – marcadas pela dominação masculina – que mantiveram a separação e a hierarquização entre homens e mulheres, mesmo após a criação da escola mista, nas primeiras décadas deste século. Buscou-se manter a simbologia da mulher como um ser dotado de fragilidade e emoções, e do homem como força e razão, por meio das normas, dos objetos, do espaço físico e das técnicas do corpo e dos conteúdos de ensino, fossem eles a ginástica, os jogos ou – e sobretudo – os esportes (SOUZA; ALTMANN, 1999, p. 57).

Esses estereótipos foram alicerçados com base em princípios excludentes, construídos com base em uma cultura machista, essa cultura acredita que a forma de se comportar na sociedade deve ser taxada de modo que o homem possa sobressair-se em relação à mulher, para que esta tenha um papel secundário em relação aqueles, é assim que o pensamento patriarcal se fortalece.

Assim, podemos citar a escola, com um papel fundamental na desconstrução, e posteriormente, reconstrução desse lugar que a mulher ocupa e ao

qual deve ocupar na sociedade, tendo em vista que, segundo Cruz e Palmeira (2009) esta é uma das principais instituições responsáveis pela construção desse conceito equivocado, pois desde as primeiras escolas, a mulher obtinha um papel inferiorizado, fruto de uma reprodução da sociedade daquela época.

Algumas disciplinas escolares eram tidas como somente masculinas, pois principalmente faziam uso de habilidades físicas, de força, agilidade, entre outras. Já aquelas disciplinas que estavam relacionadas às questões do fazer doméstico eram atribuídas às mulheres, evidenciando assim um pensamento binário de homem x mulher.

A escola por sua vez tratou de evidenciar esta concepção binária em sua construção desde os primórdios, e constatamos isso na argumentação de Louro (1997):

Desde seus inícios a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distinto dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferentes para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas. (LOURO, 1997, p. 57).

Deste modo, percebemos que a instituição escolar tem assumido esse papel de estruturação das relações sociais, favorecendo camadas específicas da sociedade capitalista, separada diversas vezes, seja por crenças, por questões financeiras, por gênero e geralmente comandada por determinado grupo, ou seja, a escola (no seu surgimento) estava ali para reafirmar a pirâmide social e para favorecê-la.

A Educação, de modo geral, assume um papel essencial nessa prática de distinção dos papéis que cada um deve ocupar na sociedade, pois segundo Louro (1997) ela fez questão de deixar claro o que podemos ou não fazer e qual o lugar que cada indivíduo deve ocupar na sociedade, constituindo assim diversos sujeitos, com diferentes pensamentos e interesses sociais, o que seria interessante se já não tivessem padrões pré-estabelecidos, principalmente padrões delimitados e justificados pelo Gênero.

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o "lugar" dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos "fazem sentido", instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos (LOURO, 1997, p. 58).

A ideia de separação estava desde a criação destes espaços escolares e está até hoje imprimida na instituição, entranhada nos seus muros, paredes e ornamentações, mesmo que por muitas vezes veladamente, as escolas faziam e fazem este retratamento nas mais simples manifestações, seja ela de decoração ou utilização dos espaços, ou ainda por meio das práticas corporais atribuídas a determinados sujeitos, delimitando assim a zona de conforto de um gênero ou de outro.

A ideia de apontar modelos a serem seguidos, sutilmente nos reafirma que a escola favorecia determinado grupo, tal prática é excludente, pois em concordância com Louro (1997), os sujeitos que ali frequentavam nem sempre iriam se identificar e sentir-se representados.

E quando uma mulher não se vê nos padrões apontados como os ideais a serem seguidos? Os homens estão todos de acordo com o entendimento do que é ser homem? Essa exclusão acontecia antes e acontece ainda hoje por diversas vezes, mas e a Escola, tem feito algo para melhorar isso? Ou está apenas reafirmando a exclusão de quem não se enquadra nos padrões sociais?

Percebemos o poder que a instituição escolar alcançou, quando podemos observar ainda nos dias de hoje, comentários sobre alguém com um simples caminhado na rua, apenas pelo modo de vestir ou pelo modo que corta o cabelo poder afirmar que "este rapaz deve ter estudado em uma escola militar", por exemplo, ou que "aquela moça aparentemente faz balé".

Nota-se os padrões que foram seguidos e reproduzidos,

As marcas da escolarização se inscreviam, assim, nos corpos dos sujeitos. Por vezes isso se fazia de formas tão densas e particulares que permitia — a partir de mínimos traços, de pequenos indícios, de um jeito de andar ou falar — dizer, quase com segurança, que determinada jovem foi normalista, que um rapaz cursou o colégio militar ou que um outro estudou num seminário. Certamente as recomendações dos antigos manuais foram superadas, os repetidos treinamentos talvez já não existam. No entanto, hoje, outras regras, teorias e conselhos (científicos, ergométricos, psicológicos) são produzidos em adequação às novas condições, aos novos instrumentos e práticas

educativas. Sob novas formas, a escola continua imprimindo sua "marca distintiva" sobre os sujeitos. Através de múltiplos e discretos mecanismos, escolarizam-se e distinguem-se os corpos e as mentes (LOURO, 1997, p. 61-62)

Apesar de após um longo período em que a mulher nem se quer podia frequentar a escola, meninas e meninos estarem presentes nas mesmas instituições, frequentando os mesmos lugares, as problematizações pertinentes a esta temática não aconteceram, pois, as diferenças biológicas eram argumento base para qualquer justificativa de manter a organização naquele modelo (separatista). Além do que social e culturalmente era mais bem visto e aceito em determinadas épocas e contextos.

o fato de as meninas e os meninos freqüentarem a escola juntos não garante que haja co-educação. Apesar de serem termos utilizados como sinônimos, "escola mista" e "co-educação" não o são. Ainda que a escola não seja a única instância de socialização, a maneira pela qual a "mistura" entre meninos e meninas se impõe na realidade escolar, sem reflexão pedagógica, continua a pesar previamente sobre o modo como a escola administra as relações entre os sexos e entre os gêneros, pois tal "mistura" não equivale ao ideal de co-educação. Para que este fosse levado a termo, a escola mista teria de ser questionada e analisada a partir das relações de gênero e das relações entre os sexos que estão em jogo cotidianamente. Pode revelar-se estéril a coexistência entre os sexos se não houver uma reflexão pedagógica a esse respeito, uma vez que está em vigor um contexto de separação ainda largamente dominante no que diz respeito aos gêneros masculino e feminino (AUAD, 2003, p. 137-138).

E mesmo com o surgimento das escolas mistas, não conseguimos afirmar que a discussão de gênero consegue espaço na escola, pois, vale ressaltar mais uma vez, que nestas estão embutidas as relações de poder marcadas pela sociedade, e diante destas relações, aconteciam divergências e conflitos, que basicamente eram resolvidos separando os meninos das meninas, ou seja, não havia um debate pedagógico.

Os mais antigos manuais já ensinavam aos mestres os cuidados que deveriam ter com os corpos e almas de seus alunos. O modo de sentar e andar, as formas de colocar cadernos e canetas, pés e mãos acabariam por produzir um corpo escolarizado, distinguindo o menino ou a menina que "passara pelos bancos escolares" (LOURO, 1997, p. 61).

Segundo Louro (1997), essas posturas esperadas dos sujeitos escolarizados, ultrapassavam os limites físicos, não esperavam apenas que estes assentassem com a coluna em um ângulo ideal, por exemplo, se esperava que a

postura adotada por tal na escola transcendesse os muros e refletissem nos seus caráteres e virtudes.

Segundo Cruz e Palmeira (2009) no Brasil não foi diferente,

Cronologicamente podemos pontuar a participação das mulheres no processo educacional brasileiro. Do período colonial ao império a instrução de homens e mulheres era diferenciada. As mulheres viviam em estado de ignorância cultural, apenas nos conventos femininos ensinava-se a leitura, a escrita, a música e trabalhos domésticos. Com as reformas Joaninas no século XIX foi aberta a oportunidade de instrução de mulheres, mas somente aquela de classe superior, com precipitadas estrangeira. Em 1827, com a Lei Imperial foi autorizada a abertura de classes femininas, com diferenciais nos currículos de homens e mulheres.

[...] Ao sexo feminino coube, em geral, a educação primária, com forte conteúdo moral e social, dirigido para o fortalecimento do papel de mãe e esposa. A educação secundária feminina ficava restrita, em grande medida, ao magistério, isto é, a formação de professoras para os cursos primários (CRUZ; PALMEIRA, 2009, p. 118).

As primeiras classes que foram ofertadas para as mulheres, eram poucas e com fins específicos. Foram pensadas para refletirem a atual conjuntura da mulher, a exemplo das turmas de magistério, que foram idealizadas para as mulheres devido à “vocação” que as mesmas teriam em cuidar das crianças futuramente na escola.

Nas escolas de mulheres da época, passavam-se repetidas horas praticando “treino das habilidades manuais de suas alunas produzindo jovens “prendadas”, capazes dos mais delicados e complexos trabalhos de agulha ou de pintura (LOURO, 1997, p. 62)”. E, incrível como foi algo constituído e instaurado como natural.

Tal “naturalidade” tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentem, circulem e se agrupem de formas distintas. Observamos, então, que eles parecem “precisar” de mais espaço do que elas, parecem preferir “naturalmente” as atividades ao ar livre (LOURO, 1997, p. 60).

A mulher adentrar o ambiente escolar foi um avanço, pois, até então, apenas os homens tinham esse direito. Mas não podemos dizer que a mulher chegou na escola e se “assentou” com a mesma naturalidade que foi com os homens, a mulher adentrar os espaços escolares foi uma conquista, mesmo que essa conquista por vezes tenha que ser reafirmada cotidianamente.

A escola mista é um meio e um pressuposto para que haja co-educação, mas não é suficiente para que esta ocorra. Em uma escola mista, a co-educação pode se desenvolver, mas isso não acontecerá sem medidas explicitamente guiadas por parte das professoras e amparo de políticas públicas que objetivem o fim da desigualdade de gênero, no âmbito educacional (AUAD, 2003, p. 138).

Partindo do pressuposto de que as meninas e meninos estão atualmente frequentando as mesmas escolas e os mesmos ambientes, não podemos cair no erro de pensar que este fato já garante as problematizações necessárias a respeito de Gênero na escola. Para isto, os professores e professoras precisam acrescentar o diálogo e maneiras pedagógicas de debater Gênero na sala de aula, a fim de contestar a desigualdade de Gênero a princípio na escola e posteriormente buscar refletir esses debates em sociedade.

Com o avanço das discussões, são percebidas na escola de modo geral e como elas refletem nas aulas de Educação Física, e foi nesse sentido que o próximo capítulo foi estruturado, com a ideia de pensarmos as aulas e como estas podem impactar, positiva ou negativamente, nas experiências dos meninos e principalmente das meninas.

5 GÊNERO, EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: APONTAMENTOS E INQUIETAÇÕES

Neste terceiro e último capítulo, visamos enfim conectar os três pontos discutidos neste trabalho: Gênero, Educação e Educação Física escolar, a fim de que venhamos tentar esclarecer lacunas que possam ter sido criadas e sustentadas na trajetória de atuação e formação de professoras e professores de Educação Física ao longo da história.

Como já mencionamos, historicamente percebemos que a mulher e o corpo feminino foram por diversas vezes estigmatizados e por muito tempo foram compreendidos e percebidos no mundo como um simples aparelho reprodutor, ocupava um papel hierárquico e secundário em relação ao homem e a relação da mulher com qualquer atividade física era simples e objetiva, esta precisava apenas praticar atividades físicas para manter o corpo “forte e sadio” com um único fim: procriar (GOELLNER, 2008).

A Educação Física para ser inserida na escola, baseada em princípios fisiológicos das instituições militares e higienista da sociedade, assumiu um papel indispensável no ambiente escolar, que foi consolidado por diversas justificativas, sejam elas fisiológicas, eugênicas e militares. Quando este componente começou a fazer parte do currículo,

é importante assinalarmos o fato de que a Educação Física passa a ser vista como uma ação pedagógica, porém tal ação traz em sua base epistemológica o caráter fisiológico provindo do saber médico aliado às práticas físicas da instrução militar. Desta forma, com base em Paiva (2004) a Educação Física no Brasil, assim como na Europa, surge da articulação entre as instituições: pedagógicas, médicas e militares (ALBUQUERQUE, 2009, p. 2247).

Portando, podemos perceber que o alicerce de fundamentação da Educação Física no Brasil tem origem em uma sociedade ocidental, baseado em um discurso excludente que objetivava um ideal, foi então que assim surgiu tal componente curricular, com base em um discurso nada inclusivo, ou seja, o objetivo centrava em selecionar os mais aptos.

Baseados na teorização darwinista de que a atividade física atuava no fortalecimento orgânico e, portanto, no aprimoramento da espécie, muitos dos discursos e práticas que circulavam no Brasil do início do século XX mencionavam que o refinamento da raça estava diretamente relacionado com

o fortalecimento da população. Nesse sentido, não pouparam esforços para criar condições de educar, fortalecer e aprimorar o corpo feminino branco, observado como o principal instrumento para atingir uma raça branca, representada como superior e perfeita (GOELLNER, 2008, p. 4).

Um dos primeiros papéis da Educação Física, agora não somente sociedade, mas na escola, foi uma mera ferramenta para obter êxito no fortalecimento da raça humana no Brasil, para que os governantes alcançassem o ideal que estabeleceram para estruturação da sociedade, então, decidiram que as mulheres brancas deveriam ser educadas, fortalecidas e ter o corpo aprimorado (princípio básico da eugenia).

Uma linha tênue foi traçada ao discutirmos educação e a importância da mesma para os sujeitos e traços de personalidade destes na sociedade como um todo. Este período que estamos tratando, perpassa após a abolição da escravidão no Brasil, portanto, a Educação Física assumiu um papel regida por uma política nacional que buscava embranquecer a população e “fortalecer” a raça para assim “desenvolver” o país.

Vale ressaltar que a “Educação Física” sozinha não pode carregar esse fardo, esse embranquecimento da raça ocorreu como uma política nacional e com apoio dos profissionais de diversos segmentos como médicos, militares, governantes, pois,

O embranquecimento da raça, ao fazer parte da política nacional de desenvolvimento do país, foi amplamente difundido na sociedade brasileira, encontrando apoio em diferentes categorias profissionais. Médicos, intelectuais, militares, dirigentes políticos, professores, instrutores de atividades físicas se integram a esse projeto e, através da especificidade de sua intervenção no plano social e educacional, não pouparam esforços para consolidá-lo (SCHWARCZ, 1993). Das várias ações a serem desenvolvidas para esse aprimoramento racial, uma delas foi consensual e amplamente destacada: o fortalecimento do corpo feminino a ser conquistado através da prática de atividades físicas (GOELLNER, 2008, p. 11-12.).

Então, nota-se que a prática de atividade física para a mulher tinha um objetivo completamente distinto das atividades propostas ao homem, enquanto o segundo buscava um corpo sadio, viril e forte, buscavam para a mulher (branca) o fortalecimento do corpo para a procriação, ou seja, a separação entre homens e mulheres era nítida desde então. Perceberam que até então, nem se fala da mulher negra? Mas este é um estudo que merece maiores atenções futuras.

A Educação Física percorre uma trajetória reflexa da sociedade em que estava inserida aquela época, com estereótipos que foram pré-estabelecidos de que existia um papel de homem e mulher na sociedade, papel esse que não foi construído com base apenas na biologia de cada um, mas “espera-se em nossa cultura diferentes comportamentos nos homens e nas mulheres. E realmente essas diferenças de comportamento dos sexos existem porque são esperadas” (OBERTEUFFER; ULRICH, 1977, p. 75. *apud* KUNZ, 1993, p. 19). Ou seja, essa determinação é social e cultural.

Sendo assim, retratamos até aqui resumidamente o surgimento da Educação Física no Brasil, como ela foi inserida na instituição escola e como sua prática era excludente na sociedade daquela época. Porém, segundo Altmann (1998), retrata especificamente este cenário dentro da escola, evidenciando a prática separatista, entre meninos e meninas nas aulas. A autora ressalta que a ideia de separar as crianças por gênero nas aulas, surgiu na Inglaterra, com anseios distintos para cada Gênero.

As aulas de Educação Física, a priori, foram fundamentadas nas relações hierárquicas de gênero, de modo que acabaram por reproduzir estereótipos socialmente construídos, como já citados anteriormente. Podemos analisar e entender o porquê a estruturação destas aulas traçou um caminho excludente e segregatista, basicamente, podemos justificar que a sociedade se estruturava exatamente dessa forma.

Porém, não podemos ignorar que os meninos e meninas frequentavam as mesmas escolas e acabavam por estar em um mesmo ambiente, deste modo,

A prática conjunta de meninos e meninas, segundo Maria do Carmo KUNZ (1993), é uma das mais difíceis tarefas da Educação Física. Ao estudar a construção histórico-cultural dos estereótipos sexuais e dos papéis sociais, ela afirma que, no contexto escolar, a Educação Física constitui o campo onde, por excelência, acentuam-se as diferenças entre homens e mulheres. No entanto, argumenta que, sendo de ordem cultural, as construções do feminino e do masculino podem ser reencaminhadas na perspectiva de superação das dificuldades de relacionamento entre os sexos e de busca de igualdade social (ALTMANN, 1998, p. 2-3).

A ideia de ministrar aulas sem fazer distinção de conteúdos por gênero e unindo meninas e meninos em um mesmo espaço gera desconforto, medo e estranheza, pois foge da lógica binária que nos foi construída e propagada por séculos. Além do mais, essa lógica muitas vezes fundamentada em uma teoria

exclusivamente biologicista, que tenta explicar o corpo apenas como um emaranhado de ossos, músculos e órgãos.

O aporte teórico de separação devido aos critérios biológicos passou a ser questionado após o posicionamento do movimento feminista e a partir da formulação de novas teorias que tratavam do assunto, mas mesmo assim, o ideário de que há “diferenças de habilidades físicas” permaneceu, porém o mais importante para Louro (1997) é o fato de pensarmos sobre o efeito que estas discussões vêm gerando na estruturação curricular e na prática pedagógica da Educação Física na escola.

Embora se valendo de discursos de diferentes matrizes, muitos professores e professoras atuam, ainda hoje, com uma expectativa de interesses e desempenhos distintos entre seus grupos de estudantes. A idéia de que as mulheres são, fisicamente, menos capazes do que os homens possivelmente ainda é aceita (LOURO, 1997, p. 73).

Ainda segundo Louro (1997), o/a professor/a de Educação Física exerce um papel indispensável na constituição do sujeito, devido aos métodos e posturas adotadas nestas aulas, pois, este profissional pode problematizar questões que envolva o corpo dos sujeitos, debatendo sobre suas diferenças, possibilidades, e principalmente respeito entre mulheres e homens.

Nesse sentido, observamos a importância da estruturação da disciplina de Educação Física, do currículo escolar e do planejamento das aulas a fim de organizá-la de modo que consiga abranger as questões inerentes ao ambiente escolar, sabendo que os sujeitos estão em relação uns com os outros e que as relações acontecem inevitavelmente, e maneira sempre a colocar meninos e meninas a pensar e repensar sobre suas relações.

Na tentativa de igualar acesso, e métodos educacionais, para homens e mulheres, foram criadas as escolas mistas em 1920. Contudo, a relação estabelecida, de superioridade dos homens frente às mulheres continua até os dias atuais, já que muitos/as professores/as fazem uso de práticas que deixam transparecer, os estereótipos e os preconceitos de gênero. Estes inconscientemente “cobram” coisas diferentes de meninos e de meninas (CRUZ e PALMEIRA, 2009, p.1).

A escola e os professores e as professoras que ali estão reforçam alguns papéis que lhe são impostos pela organização social, escolar e cultural. Já o/a professor/a de Educação Física, tem uma tarefa diferente ao elaborar suas aulas, pois a partir do que este/esta professor/a ensina, ou não, é que são constituídas as

percepções de corpo e, por consequência, as relações de gênero que acontecem no ambiente escolar e para além dele.

Podemos então citar o currículo, aqui entendido como algo que norteia a ação profissional do professor, “como uma ferramenta de direcionamento pedagógico, mas também utilizado como um dispositivo de poder, já que o mesmo está diretamente relacionado com os conteúdos e práticas pedagógicas do docente” (MOREIRA; SILVA, 2002).

Dependendo da concepção de currículo, este por muitas vezes ignora as questões sociais, de classe e de gênero que estão presentes na escola. Deste modo, os alunos não serão formados sujeitos que poderão fazer tais questionamentos, quanto às relações de Gênero, pois não terão possibilidade de vivenciar estes debates nas escola, o que pode proporcionar uma postura não capaz de discutir tais assunto fora do contexto escolar, mas principalmente, de se portar de maneira equivocada e preconceituosa frente à temática.

No que se refere às perspectivas críticas sobre currículo, estas se tornaram crescentemente questionadas, por ignorarem o papel do gênero no processo de produção e reprodução das desigualdades, as quais eram relacionadas apenas as classes sociais. Mesmo naqueles países em que o acesso à educação era aparentemente igualitário, havia desigualdades internas de acesso aos recursos educacionais, onde os currículos eram desigualmente distribuídos por gênero. (CRUZ; PALMEIRA, 2009, p. 118).

Segundo Albuquerque (2009), é inegável que “a importância e a influência que a Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) exerceu sobre os processos da formação de professores em Educação Física no Brasil”, pois liderou a estruturação de um currículo para atuação uniforme nas instituições superiores de Educação Física.

A Educação Física passou a exercer um papel mais relevante no quadro das necessidades do ideal de sociedade da época. De acordo com os PCNs de 1997, somente a partir da constituição de 1937 a Educação Física foi instituída como uma disciplina escolar obrigatória em âmbito federal. Tal processo implicou em uma maior demanda de profissionais que atuassem nessa área (CRUZ; PALMEIRA, 2009, p. 2251).

Ou seja, o currículo norteia toda e qualquer ação profissional de um professor, por isso, foi implantado exatamente e diretamente nele o que se esperava

da mulher e de seu corpo naquela sociedade, apenas um meio de procriar e garantir novos filhos, com um objetivo final: galgar uma raça superior e perfeita.

Após entendermos como se constituiu a Educação Física e sua estrutura curricular e o que a mesma almejava no ambiente escolar, ressaltamos que esse movimento não podia ser aceito do modo que foi pensado, então, algumas inquietações começaram a surgir, oriundas dos movimentos feministas, mas não somente deste. Sendo assim,

Como consequência das ações dos movimentos feministas, por exemplo, começaram a surgir gradativamente, práticas que passam a fornecer subsídios para a criação de escolas verdadeiramente mistas. Isto foi sendo efetivado, na maneira pela qual as/os alunas/os ocupavam o mesmo espaço, tinham aulas com os mesmos/as professores/as, usavam os mesmos textos, os mesmos programas, tinha acesso aos mesmos saberes, a mesma linguagem, enfim, a mesma atividade. Contudo, a relação já estabelecida, de superioridade dos homens frente às mulheres continua igual nos dias atuais (CRUZ; PALMEIRA, 2009, p. 119).

Deste modo, após apontamentos feitos por feministas, representantes do movimento, as escolas passaram a ser verdadeiramente mistas, oportunizando uma igualdade na oferta dos conteúdos, dos materiais didáticos, dos espaços a serem ocupados na escola e das práticas corporais, mesmo assim, não foi o suficiente, pois ainda hoje podemos perceber a separação de meninos e meninas em diversos momentos nos ambientes escolares, e ainda podemos presenciar professores de Educação Física que separam meninos de meninas nas práticas corporais.

Assim como o tempo foi passando, os debates sendo incorporados ao dia a dia dos professores e professoras no ambiente escolar, os documentos também evoluíram. Dessa forma, Cruz e Palmeira (2009), afirmam que os Parâmetros Curriculares Nacionais já faziam referência às questões de gênero, principalmente nas aulas de Educação Física,

Atualmente documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais fazem alusão a importância do trato com questões acerca do gênero principalmente na disciplina de Educação Física, todavia, se analisarmos durante a história desta disciplina, as leis ou decretos, e os seus próprios objetivos nas diferentes épocas, observaremos que nem sempre assuntos relacionados a gênero receberam tamanha importância (CRUZ; PALMEIRA, 2009, p. 120).

Entretanto, os documentos foram suficientes? Além da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997)

reafirmarem a importância de a educação ser um espaço de integração e diversidade, ricamente preenchido por distintos sujeitos sociais, seria necessário uma atuação diversificada por parte dos professores e professora, de modo que pudessem compreender e oportunizar diversidades de conhecimentos dos distintos sujeitos que formam a comunidade escolar.

Entretanto, para que essas idéias e esses valores se tornem realidade na educação escolar não basta incluí-los nas leis e nos PCNs; é necessário entender que quanto mais o pensamento e a prática educacionais se situam no campo dos direitos, mais inevitável se torna encarar a escola como um dos espaços instituídos da integração e da diversidade (SOUSA; ALTIMAN, 1999, p. 53).

O que não ocorreu no âmbito educacional, muito menos nas práticas corporais, não houve integração dentre as diversidades, não houve compartilhamento de conhecimentos e culturas, interações entre pobres e ricos e mais uma vez a hierarquia entre homens e mulheres permaneceu.

repensar a Educação Física não assegurou grandes avanços no que tange às questões de gênero, já que apesar da ocorrência de aulas mistas, e a indicação para a realização de aulas co-educativas assim como nas outras disciplinas, ainda hoje, uma gama de professores nega impetuosamente a efetivação de aulas coeducativas em decorrência da preferência pela acomodação, ou rendimento, objetivo este que já teve espaço na história da Educação Física (CRUZ e PALMEIRA, 2009, p. 121).

Os debates sobre as relações de Gênero no ambiente escolar não se fazem necessários apenas devido à exclusão das mulheres nas práticas, pois baseados nestas relações, outras surgiram. Para Sousa e Altmann (1999), os homens menos habilidosos são também excluídos, por isso, podemos afirmar que as exclusões recorrentes nas práticas se dão por diversos fatores, dentre eles a questão do gênero, mas não somente ela,

Não se pode concluir que as meninas são excluídas de jogos apenas por questões de gênero, pois o critério de exclusão não é exatamente o fato de elas serem mulheres, mas por serem consideradas mais fracas e menos habilidosas que seus colegas ou mesmo que outras colegas. Ademais, meninas não são as únicas excluídas, pois os meninos mais novos e os considerados fracos ou maus jogadores freqüentam bancos de reserva durante aulas e recreios, e em quadra recebem a bola com menor freqüência até mesmo do que algumas meninas (SOUSA; ALTMANN, 1999, p. 54).

Nesse sentido, após o longo caminho que traçamos até chegar nesse ponto, podemos perceber a visível dificuldade de os professores e professoras trazerem à tona estas discussões e oportunizarem um diálogo esclarecedor aos seus alunos e alunas. As hierarquias nas relações de gênero foram fundamentadas historicamente, se consolidaram e ainda está presente por distintos fatores que muito provavelmente cabe aos profissionais em formação quebrar tais paradigmas.

Alguns dados abordados são consideravelmente antigos em relação a hoje, mas, podemos perceber que os discursos ainda são os mesmos, muitas vezes ao observar uma escola ou uma aula de Educação Física e notarmos a presença enraizada de papéis pré-estabelecidos, ao notarmos filas com distinções de gênero para pegar a merenda, ao observarmos professores ainda separando meninos de meninas nas práticas corporais.

Deste modo, fica o questionamento: a universidade tem se preocupado com estas discussões relacionadas a Gênero na formação inicial dos futuros professores? Em seus currículos as instituições de ensino superior têm proporcionado debates tendo essa temática como foco?

Esses são questionamentos que tentaremos buscar respostas em estudos futuros...

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo desse estudo, buscamos realmente esclarecer e compreender a origem de um conceito, como foi o movimento de estruturação deste, visando sempre compartilhar o entendimento de que a compreensão de Gênero é para além de fatores biológicos, baseados em teóricas que afirmam sobre a constituição cultural do que é ser mulher e homem em sociedade. No capítulo seguinte, visamos fazer alusão ao comportamento social e cultural que foi atribuído a mulher, mas agora, objetivando entender como esse comportamento refletiu e reflete no ambiente escolar. Já no último capítulo, a ideia foi de compreender como as aulas de educação física influenciam nas relações de gênero na escola, assim como, para além desta.

Ao finalizar as leituras dos artigos, capítulos e livros que foram utilizados para tal, fica claro para mim que ainda enfrentamos sérios problemas com as relações estabelecidas, principalmente nas aulas de Educação Física, chegamos à conclusão de que as discussões sobre a temática são pertinentes e merecem espaço no ambiente escolar.

Os/as profissionais de Educação Física devem estar atentos para os sinais e manifestações corporais, de modo que ao se deparar com fatores como estes, não ignorem ou trate de forma irrelevante, pois, esta fase escolar é de fundamental importância para as formações dos sujeitos que a todo momento estão interagindo e intervindo na sociedade.

Esperamos poder contribuir com quaisquer dúvidas quanto a estes conceitos e deixar a lacuna que visa o aprofundamento nestas questões, de modo, que possa instigar aos professores e professoras que estão em atuação, assim como, os que estão em formação, e que de fato, possamos superar as barreiras que foram estabelecidas entre homens e mulheres.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, L. R. A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL E OS PROCESSOS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL. **IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**, p. 2244–2258, 2009.

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero : Marias (e) homens na Educação Física Rompendo fronteiras de gênero : Marias (e) homens na Educação Física**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, p. 110, 1998.

AUAD, D. Educação para a democracia e co-educação: apontamentos a partir da categoria gênero. **REVISTA USP**, n. 56, p. 136–143, 2003.

BEAUVOIR, S. DE. O segundo Sexo I Fatos e Mitos. **novafonteira- são paulo.**, n. 4º Edição, p. 1–309, 1980.

CORRÊA, M. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil : um exemplo pessoal. **cadernos pagu**, n. 16, p. 13–30, 2001.

CRUZ, M. M. S.; PALMEIRA, F. C. C. Artigo Original Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. **Motriz, Rio Claro**, v. 15, n. 1, p. 116–131, 2009.

DEVIDE, F. P. et al. Artigo Original Estudos de gênero na Educação Física Brasileira Fabiano Pries Devide. **Motriz, Rio Claro**, v. 17, n. 1, p. 93–103, 2011.

GOELLNER, S. V. “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: Esporte, Eugenia e Nacionalismo no BRASIL no início do século xx. **Record: Revista de História do Esporte**, v. 1, n. 1, p. 1–28, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4º ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KUNZ, M. D. C. S. **Quando a diferença é mito: uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do Esporte e da Educação Física**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina Centro de Ciências da Educação, Santa Catarina, 1993.

LACERDA, M. C. DE. Gênero e Sexualidade em Devir : desafios e possibilidades no cenário educacional. **Emancipação**, v. 16, n. 2, p. 235–253, 2015.

LOURO, G L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós estruturalista Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ, Vozes, p. 14-36. 1997.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREIRAS, Ernani Cesar de. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: **métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PISCITELLI, A. GÊNERO: a história de um conceito. in: ALMEIDA, H. B; SZWAKO, J.E (ORG). Diferenças, Igualdade. São Paulo, 2019.

SAFFIOTI, H. L. B. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, p. 141, 2004.

SOUSA, E. S. DE; ALTMANN, H. Meninos e meninas : Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, n. 48, p. 52–68, 1999a.

SOUSA, E. S. DE; ALTMANN, H. Meninos e meninas : Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes, ano XIX**, n. 48, p. 52–68, 1999.

SCOTT. J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica** v. 20, n. 2, p.1 - 35, 1995.